

## CORREÇÃO COLETIVA COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NO 5º ANO

Karyne Sampaio de Arvelos Soares<sup>1</sup>

Sirlei Pereira Naves<sup>2</sup>

### RESUMO

Este relato apresenta uma atividade de avaliação realizada com uma turma do 5º ano do ensino fundamental, sob a perspectiva de uma bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A ação ocorreu durante os encontros semanais às quintas-feiras, dia em que os estudantes têm aulas de Matemática e Ciências. Na ocasião, foram aplicadas avaliações de Língua Portuguesa e Matemática, enviadas pela Secretaria de Educação. Após o recreio, realizou-se a correção coletiva da avaliação de Matemática, com o objetivo de esclarecer dúvidas e aprofundar a compreensão dos conteúdos abordados. Os temas trabalhados incluíram multiplicação, divisão, unidade, dezena e centena. Uma questão específica chamou atenção por envolver combinações entre centenas (2, 3 e 4), a dezena 9 e unidades ímpares de 1 a 10. Diante da dificuldade dos estudantes em formular hipóteses para resolução, a bolsista conduziu a atividade no quadro, demonstrando as possibilidades de combinação e realizando a soma final para identificar a alternativa correta. A participação ativa dos alunos foi estimulada, e uma estudante propôs uma hipótese alternativa, demonstrando no quadro sua lógica de resolução, o que contribuiu para a compreensão coletiva. A experiência evidenciou a importância da correção coletiva como ferramenta pedagógica, promovendo o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, a construção de hipóteses e o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Processos de aprendizagem, Formação docente, Metodologias ativas.

### INTRODUÇÃO

A formação docente exige, cada vez mais, experiências práticas que possibilitem ao futuro educador compreender a complexidade da sala de aula e desenvolver habilidades pedagógicas alinhadas às demandas da educação básica. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura-se como uma política pública de valorização da docência, promovendo a articulação entre teoria e prática no processo formativo de licenciandos (BRASIL, 2021).

<sup>1</sup> Graduando do Curso de **Pedagogia EAD** da Pontifícia Universidade Católica - GO, [karynearvelos@gmail.com](mailto:karynearvelos@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Graduada em Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica - GO, [sirleipereiranaves@hotmail.com](mailto:sirleipereiranaves@hotmail.com).





O presente relato sensível de experiência foi desenvolvido no âmbito do PIBID, vinculado ao curso de Pedagogia EAD da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a partir do mês de abril do presente ano. A atividade ocorreu na Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem, localizada em Goiânia-GO, junto à turma do 5º ano “A”, sob orientação da professora regente Sirlei Pereira Naves. Como bolsista, participei diretamente da rotina escolar, vivenciando práticas pedagógicas e interações significativas com os estudantes.

A experiência permitiu observar e atuar na dinâmica de uma instituição pública de ensino, destacando-se, entre as ações realizadas, a correção dialogada de uma avaliação mensal de aprendizagem enviada pela Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Durante essa atividade, uma questão específica gerou dificuldade entre os alunos, o que motivou a mediação pedagógica por meio da resolução coletiva no quadro, com explicação passo a passo. O envolvimento dos estudantes, especialmente a iniciativa de uma aluna em propor uma hipótese alternativa de resolução, evidenciou o potencial da correção ativa como estratégia de construção do conhecimento.

O objetivo deste relato é refletir sobre a importância da correção dialogada como prática pedagógica que favorece a participação dos alunos, a construção de hipóteses e o desenvolvimento do pensamento crítico. Os resultados apontam que, em ambientes acolhedores e seguros, os estudantes se sentem mais à vontade para expressar dúvidas, compartilhar erros e acertos, e construir saberes de forma colaborativa.

Conclui-se que a correção dialogada, quando realizada com intencionalidade pedagógica, transforma-se em uma ferramenta potente no processo de ensino-aprendizagem, promovendo não apenas a revisão de conteúdos, mas também o protagonismo estudantil e o fortalecimento da relação entre docente e discente.

## METODOLOGIA

A experiência aqui relatada insere-se no campo das pesquisas **qualitativas de abordagem descritiva**, que buscam compreender fenômenos educativos a partir da observação direta do contexto em que ocorrem (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). O enfoque qualitativo mostra-se adequado, pois permite analisar em profundidade as práticas pedagógicas e o modo como os alunos interagem com as situações de aprendizagem propostas.





O trabalho foi realizado na **Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem**, em Goiânia-GO, junto à turma do **5º ano A do Ensino Fundamental I**, sob supervisão da professora regente Sirlei Pereira Naves. A atividade ocorreu no dia 29 de maio de 2025, durante

a aplicação da **Avaliação Mensal de Aprendizagem (AMA)**, elaborada pela Secretaria Municipal de Educação.

A intervenção foi organizada em três etapas principais:

1. **Observação inicial da prova:** a bolsista acompanhou os estudantes durante a realização da avaliação, registrando no caderno de campo aspectos como o tempo de execução.
2. **Correção coletiva mediada:** após o recreio, foi conduzida a resolução dialogada de uma questão de Matemática no quadro, com explicações passo a passo, incentivando os alunos a participarem da construção das respostas.
3. **Registro e reflexão:** ao final da atividade, a bolsista elaborou anotações reflexivas em seu diário de campo, com foco no papel da mediação pedagógica e nas aprendizagens percebidas durante o processo.

Os **instrumentos de registro** utilizados foram:

- **Diário de campo:** onde foram anotadas observações sobre o desenvolvimento da atividade e reflexões da bolsista acerca das estratégias pedagógicas.
- **Material oficial da rede municipal:** a Avaliação Mensal de Aprendizagem (AMA) e o Material de Apoio Pedagógico (MAP), que contextualizaram os conteúdos trabalhados.

A postura metodológica da bolsista alternou-se entre **observadora** e **mediadora**. Inicialmente, limitou-se a acompanhar a realização da avaliação pelos alunos. Em seguida, assumiu papel ativo no momento da correção, conduzindo a resolução coletiva e incentivando a participação dos estudantes.

Essa metodologia inspirou-se nos princípios da **pesquisa participante**, ao reconhecer a sala de aula como espaço de investigação conjunta, em que a mediação pedagógica favorece a construção coletiva do conhecimento. Além disso, esteve alinhada à concepção de **avaliação**





**formativa** (LUCKESI, 2011), que entende o processo avaliativo como oportunidade de aprendizagem e não apenas de mensuração de resultados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A atividade de correção coletiva realizada com a turma do 5º ano dialoga com diferentes perspectivas teóricas que fundamentam a prática pedagógica.

**Paulo Freire (1996)** defende uma **educação dialógica**, na qual o conhecimento é construído na interação entre educador e educando. Para o autor, o processo de ensino-aprendizagem deve superar a lógica da transmissão de conteúdos e estimular a participação ativa dos estudantes. No episódio relatado, a correção coletiva assumiu esse caráter dialógico, uma vez que os alunos foram incentivados a expor suas hipóteses e argumentar sobre diferentes estratégias de resolução, contribuindo para a construção compartilhada do saber.

**Lev Vygotsky (2001)** apresenta o conceito de **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**, que evidencia a importância da mediação para que os alunos avancem em suas aprendizagens. A atividade vivenciada reflete essa teoria, pois os estudantes, ao interagir com a bolsista e com seus colegas, conseguiram compreender e resolver a questão matemática de forma colaborativa, ultrapassando os limites individuais. A mediação da bolsista, ao conduzir passo a passo a resolução no quadro, funcionou como suporte para o desenvolvimento do raciocínio lógico.

**Antoni Zabala (1998)** destaca as **metodologias ativas** como práticas que colocam o aluno no centro do processo educativo, valorizando a ação, a reflexão e a interação. A correção coletiva exemplifica esse princípio, já que os estudantes não apenas receberam as respostas, mas participaram da construção, formularam hipóteses e validaram estratégias próprias, assumindo papel de protagonistas na aprendizagem.

**Cipriano Luckesi (2011)** defende a **avaliação formativa**, entendendo que o erro deve ser considerado parte integrante do processo de aprendizagem. Nesse sentido, a correção coletiva mostrou-se um espaço privilegiado de reflexão sobre erros e acertos, transformando a avaliação em momento de aprendizagem significativa, em vez de mera aferição de resultados.

**Philippe Perrenoud (1999)** reforça a ideia de que a avaliação deve ter caráter **regulador das aprendizagens**, permitindo que o professor ajuste sua prática pedagógica e que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades. No caso relatado, a intervenção





pedagógica possibilitou que os estudantes reconhecessem lacunas em seus conhecimentos, reformulassem suas estratégias e **avançassem na compreensão matemática**.

Assim, os referenciais apresentados sustentam a compreensão de que a correção coletiva pode ser considerada uma **prática pedagógica inovadora**, ao articular avaliação,

diálogo, mediação e protagonismo estudantil, contribuindo tanto para a aprendizagem dos conteúdos quanto para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade de correção coletiva ocorreu no dia 29 de maio de 2025, durante a aplicação da Avaliação Mensal de Aprendizagem (AMA) na turma do 5º ano A da Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem. Após o recreio, os estudantes retornaram à sala para a correção da prova de Matemática. Nesse momento, a bolsista assumiu papel de mediadora, conduzindo a resolução de uma questão que havia gerado maior dificuldade entre os alunos.

A questão proposta envolvia a formação de números de três algarismos, utilizando como centena os números 2, 3 e 4; como dezena o número fixo 9; e como unidade os números ímpares entre 1 e 10. O objetivo era identificar quantas combinações diferentes poderiam ser formadas com esses critérios. Muitos estudantes afirmaram ter “chutado” a resposta, revelando dificuldades na interpretação e na construção das hipóteses necessárias para resolver o problema.

Diante disso, a bolsista iniciou a resolução no quadro, destacando os elementos-chave do enunciado e conduzindo os alunos a construir, passo a passo, as combinações possíveis. Foram organizados exemplos concretos, como o número 291, seguido das demais possibilidades, até chegar ao total de 15 combinações. Nesse processo, os alunos participaram ativamente, sugerindo alternativas e verificando junto à mediadora os resultados alcançados.

Um momento significativo ocorreu quando uma estudante propôs uma estratégia alternativa: multiplicar o número de opções de centena (3) pelo número de opções de unidade (5), já que a dezena era fixa. Convidada a explicar sua ideia no quadro, a aluna demonstrou que sua lógica também resultava em 15, a resposta correta. Esse episódio evidenciou o protagonismo estudantil, o desenvolvimento do raciocínio lógico e a capacidade de generalização matemática.





Sob o ponto de vista pedagógico, a experiência aproxima-se do conceito de educação dialógica (FREIRE, 1996), em que a aprendizagem ocorre na troca entre educador e educando. A correção coletiva não se restringiu a mostrar a resposta correta, mas tornou-se um espaço de construção conjunta do conhecimento.

Do ponto de vista psicológico, a atividade ilustra a teoria de Vygotsky (2001), em especial a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A mediação da bolsista permitiu que os alunos avançassem além do que conseguiriam sozinhos, elaborando estratégias que antes não eram evidentes.

Além disso, a prática se alinha às metodologias ativas defendidas por Zabala (1998), ao colocar os alunos como protagonistas, e à concepção de avaliação formativa de Luckesi (2011),

ao valorizar o erro como parte do processo de aprendizagem. A correção coletiva, nesse sentido, funcionou como um momento de regulação da aprendizagem (PERRENOUD, 1999), permitindo que os estudantes reconhecessem suas dificuldades e reformulassem estratégias.

A atividade também pode ser analisada à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca, para a área de Matemática, competências como o desenvolvimento do raciocínio lógico, a resolução de problemas e a argumentação. Ao propor hipóteses, testar estratégias e validar resultados em grupo, os estudantes mobilizaram exatamente essas competências, demonstrando que práticas avaliativas podem ser, ao mesmo tempo, formativas e significativas.

De maneira geral, os resultados indicam que a correção coletiva, quando conduzida de forma dialógica e intencional, contribui para:

- o fortalecimento do raciocínio lógico-matemático;
- a construção de hipóteses e generalizações;
- o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a escuta, a cooperação e a coragem de expor ideias;
- o engajamento ativo dos estudantes no processo de aprendizagem.

Assim, a experiência extrapolou o caráter avaliativo tradicional e consolidou-se como um momento de aprendizagem significativa, em consonância com os princípios da BNCC e com os referenciais teóricos da educação crítica e participativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência vivenciada na Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem, durante a correção coletiva da Avaliação Mensal de Aprendizagem (AMA), reafirma a potência das práticas pedagógicas dialógicas e colaborativas como estratégias significativas no processo de ensino-aprendizagem. O momento, que poderia ter se restringido à simples verificação de

acertos e erros, transformou-se em uma oportunidade de reflexão, de elaboração de hipóteses e de construção coletiva de conhecimentos matemáticos.

Do ponto de vista dos estudantes, a atividade promoveu não apenas o domínio de conteúdos, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais. O exercício de expor hipóteses, argumentar em público, ouvir colegas e validar raciocínios contribuiu para a formação integral dos alunos, favorecendo a autonomia intelectual e a autoconfiança. Além disso, a valorização do erro como parte do processo formativo gerou um ambiente de acolhimento e de segurança, em que os alunos se sentiram à vontade para experimentar e aprender com seus próprios desafios.

No que se refere à **formação docente**, a vivência mostrou-se extremamente significativa. Como bolsista do PIBID, foi possível compreender, na prática, que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdos: envolve criar condições para que os estudantes se tornem protagonistas de sua aprendizagem. A observação participante e a mediação pedagógica reforçaram a importância da escuta ativa, da intencionalidade didática e da valorização do diálogo na sala de aula.

A atividade também demonstrou a relevância das **políticas públicas de valorização da docência**, como o PIBID, que possibilitam ao licenciando vivenciar situações reais de ensino e refletir sobre sua prática ainda na formação inicial. Essa aproximação entre universidade e escola básica é essencial para a construção de profissionais mais conscientes, críticos e preparados para lidar com os desafios da educação contemporânea.

Outro ponto importante a destacar é a consonância da prática com os princípios do **Projeto Político-Pedagógico (PPP)** da escola, que valoriza a gestão democrática, a inclusão e o protagonismo estudantil. A correção coletiva também dialogou com os objetivos da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, ao mobilizar competências como pensamento lógico, resolução de problemas e argumentação, demonstrando que avaliações podem ir além da mensuração e se tornarem momentos formativos.





Como perspectivas para futuras intervenções, sugere-se:

- a elaboração de **roteiros estruturados para correções coletivas**, a fim de potencializar o planejamento do professor;
- o uso de **recursos visuais e tecnológicos** (como projetores e softwares de matemática) para ampliar a participação dos alunos;
- a realização de **avaliações formativas contínuas**, que permitam acompanhar a evolução dos estudantes ao longo do tempo, e não apenas em momentos pontuais;
- a ampliação de experiências interdisciplinares, unindo a Matemática a outras áreas do conhecimento, fortalecendo a aprendizagem significativa.

Em síntese, a correção coletiva demonstrou ser uma prática pedagógica potente, que contribui não apenas para o avanço dos conteúdos matemáticos, mas também para a formação crítica, autônoma e colaborativa dos estudantes. Para a formação da bolsista, representou um marco importante, confirmando a docência como um espaço de diálogo, de descobertas e de transformação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à **Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem**, pela acolhida e pela oportunidade de vivenciar experiências significativas no cotidiano escolar.

À **professora regente Sirlei Pereira Naves**, pela supervisão, orientação e parceria constante no processo de ensino-aprendizagem.

À **Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**, pelo apoio institucional e pela mediação entre universidade e escola básica.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo financiamento e incentivo por meio do **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**, que tornou possível a realização desta experiência formativa.

E, sobretudo, aos **estudantes do 5º ano A**, que, com sua participação ativa e entusiasmo, contribuíram para que esta experiência se tornasse significativa tanto no campo pedagógico quanto na minha formação docente.

## REFERÊNCIAS





BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc>. Acesso em: 10 set. 2025.

ESCOLA MUNICIPAL LAURÍCIO PEDRO RASMUSSEN. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. Goiânia: SME, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli de Almeida. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

